



O absurdo está entre nós

As emas do general Stroessner e outras peças, de Sérgio Medeiros

Isaac Bernat*

A primeira coisa a ser ressaltada, ao se fazer uma resenha de um livro com três peças de teatro, é o fato animador de, nos tempos atuais, uma editora publicar um livro com peças de teatro. Uma prática muito comum e corriqueira em países como a França, por exemplo, é a de se ter aquela banquinha no *foyer* da sala de espetáculos, com várias peças, ensaios e livros teóricos sobre teatro. Geralmente, o próprio texto da peça a que se assistirá pode ser levado para casa, para uma leitura cuidadosa e crítica. Aliás, já dirigi um espetáculo de um texto russo – *Querida Helena Serguêievna*, de Ludmila Razoumouvskaia – a cuja encenação assisti em Paris, pois comprei o livro, após a peça, numa dessas banquinhas. Seria muito bom se esse costume fosse implantado em nossos teatros. Dito isto, vamos ao que interessa.

As emas do general Stroessner e outras peças (2017), de Sérgio Medeiros, reúne três textos escritos pelo poeta, dramaturgo e professor de Teoria Literária da UFSC. As peças podem ser consideradas obras que dialogam fortemente com o Teatro do Absurdo, nomenclatura criada pelo crítico teatral húngaro Martin Esslin, após o fim da Segunda Guerra Mundial. Duas características desse

* Ator e diretor, fez doutorado em Teatro pela UNIRIO e leciona interpretação teatral na Faculdade CAL de Artes Cênicas.

gênero de dramaturgia são o ecletismo e a variação de temas. A falta de perspectiva do pós-guerra, a solidão, a incomunicabilidade e os dilemas do ser humano frente aos desafios da modernidade fizeram com que esse estilo teatral atingisse esferas de que o realismo já não dava conta.

O teatro brasileiro não possui uma tradição dramaturgic ligada ao Teatro do Absurdo, embora alguns pesquisadores considerem um autor do século XIX, o gaúcho Qorpo Santo, como um dos precursores desse estilo teatral, muito antes dos grandes representantes desse movimento, como Beckett, Ionesco ou Arrabal. De certa maneira, Sérgio Medeiros dialoga fortemente com o Teatro do Absurdo, nas três peças em um ato que compõem o livro de que tratamos aqui. A primeira delas, que dá título ao volume, *As emas do general Stroessner*, gira em torno de um encontro entre o presidente do Paraguai e o presidente do Brasil, o também general Médici, em uma ponte, que ainda não havia sido inaugurada, sobre o rio Apa. Segundo o autor, os dois generais seriam andróides *vintages*, espécies de bonecos que governavam com mão de ferro seus países. Transcendendo as referências históricas ligadas ao totalitarismo que marcou esses dois presidentes, a peça revela uma situação absurda e simbólica: a suspeita de que o famoso monstro do Lago Ness foi fotografado dentro do rio que banha uma parte da fronteira das duas nações. Esse fato insólito e surrealista é evocado para mostrar a que ponto pode chegar a paranoia dos ditadores. Na verdade, depois de muita discussão, na qual os generais falam de pontes, hidroelétricas, a ameaça russa, os americanos (aliados de sempre), a rivalidade e desconfiança com a Argentina, o ressentimento causado pela guerra do Paraguai, energia e perigos internos e externos, os presidentes militares acabam descobrindo que a foto do suposto monstro era,

na verdade, a foto de uma ema. Em seguida, um bando dessas aves aparece e amedronta os generais e soldados dos dois países. A única forma de afastá-las consiste em atirar para as emas medalhas e botões das fardas, os quais são imediatamente engolidos por elas. Através de uma mistura de personagens baseados em figuras históricas e seus duplos bonecos-bufões, o autor cria efeitos cômicos que revelam o lado patético e medíocre do poder que não nasce da democracia. O curioso é que, recentemente, o Brasil e o Paraguai assinaram um acordo para a construção de uma ponte sobre o rio Apa, que vai se juntar à Ponte da Amizade, construída há 50 anos para aumentar a integração entre os dois países. Será que as emas vão aparecer?

A segunda peça, *A revolução dos municípios e das plantas*, se passa em Florianópolis, cidade onde vive e trabalha o autor. A ex-primeira dama da capital catarinense vai dar um almoço para receber amigos; no entanto, enfrenta obstáculos insólitos que a impedem de realizar satisfatoriamente o evento. A cozinheira, Dona Regina, está impossibilitada de cozinhar, pois as mãos estão fortemente coladas, após a feitura de uns charutininhos, nos quais utilizou cola. O jardineiro, Seu Doudo, desaparece a todo instante, e não consegue dar conta do mato que cresce assustadoramente, dentro da mansão decadente, à beira-mar. Aliás, de acordo com a rubrica do autor, os galhos e arbustos vão continuar invadindo a casa durante a peça, pois o novo prefeito publicou um decreto que proíbe a poda da vegetação praiana. Para agravar a situação, um penetra denominado Toupeira é o único convidado que consegue entrar na casa, graças à sua habilidade de cavar. Um policial que está fiscalizando o cumprimento da lei municipal decretada pelo novo prefeito, que proíbe a poda da vegetação, é atacado furiosamente pelos galhos, que mais parecem tentáculos de uma força maior e implacável. É como se a natureza

reagisse aos desmandos e maracutaias realizados pelo antigo prefeito. Nesse cenário caótico e surreal, a ex-primeira dama ainda tenta manter a pose e a imagem de alguém que já teve poder. Essa segunda peça poderia ter sido inspirada em obras do autor espanhol Fernando Arrabal, com seu humor cáustico e extremamente político. *A revolução dos municípios e das plantas* traz um olhar sobre as relações de poder no âmbito doméstico, com seus vícios e explorações, ao mesmo tempo que apresenta uma radiografia cômica de uma família que perde os privilégios concedidos a ocupantes de certos cargos públicos. Além disso, através de uma situação plausível, como a organização de um almoço, o autor nos faz entrar numa espécie de realismo fantástico, com cozinheiras de mãos coladas, um penetra que atende pelo nome de Toupeira e um policial dominado pela força da natureza, com seus galhos e folhas. Há alguma coisa fora da ordem, um caos que se instaura numa mansão de praia e foge a qualquer controle.

Com a terceira e última peça, *Atividades espirituais na Nova Igreja do Brasil*, o autor nos apresenta uma palestra proferida por um pastor. Esta última peça é a mais curta das três. Por ser um monólogo, estabelece inexoravelmente uma relação direta com a plateia. Atualmente, o monólogo é um recurso muito requisitado no teatro. Na época de um autor como o russo Anton Tchekhov, era uma maneira de grandes atores apresentarem seu virtuosismo cômico ou dramático. Hoje, nos palcos cariocas, há uma proliferação de monólogos, principalmente devido à crise econômica pela qual passa o país e, conseqüentemente, o teatro. Assim como esse monólogo de Sérgio Medeiros em forma de palestra, Tchekhov também tinha seu célebre *Os males do fumo*, no qual um marido fracassado e dominado pela mulher era obrigado a fazer palestras sobre os malefícios do tabaco para a saúde. Na verdade, durante sua fala, abria o coração para a

plateia e contava o drama de sua vida medíocre e sem horizontes. No monólogo de Medeiros, vemos um pastor de uma dessas igrejas que nascem como chuchu em todos os cantos do Brasil. Contudo, no decorrer da palestra, percebemos que esse pastor é bem niilista e filosófico: não fala de religião, não fala de Deus, não usa a palavra “Senhor”, enfim, sua pregação busca outro tipo de escuta e talvez, como dizia Chacrinha, ele tenha vindo a público mais para confundir do que para explicar. Numa de suas falas, é possível perceber a retórica que envolve seu discurso, incomum para um líder de igreja:

Isto é um culto introspectivo...
Repleto de palavras não ditas em voz alta...
Mas encenadas interiormente...
Isto é um teatro introspectivo...
Culto interior
Culto oculto...
Pois tudo se passa dentro de vocês
Eu não ouço nada
Não vejo nada...

(p. 96)

Por vezes, o discurso do pastor parece até flertar com a autoajuda, ou práticas motivacionais, mas, se prestarmos mais atenção, veremos nele uma forte dose de ironia quanto aos riscos da mitificação e da cegueira, por parte dos fiéis, diante de pastores enganadores ou falsos profetas. Líderes estes que, afinal, estão por toda parte.

O que podemos observar, com a leitura conjunta das três peças que compõem o livro de Sérgio Medeiros, é que há uma co-

nexão muito grande entre elas. De certa maneira, trazem um olhar extraordinário sobre a sociedade brasileira, através do enfoque de fenômenos que se repetem – como a possibilidade de retrocessos políticos, a fragilidade e cafonice dos políticos e de sua *entourage* – e da abordagem de uma das maiores tragédias que assolam o país: a utilização de certas correntes religiosas como meio de doutrinação ideológica e dominação política. Porém, o desvelamento operado pelo autor foge do panfletário e do didático, o que aumenta a contundência das peças. Utilizando recursos não realistas e uma linguagem inspirada no Teatro do Absurdo, com um toque brejeiro, Sérgio mostra o patético e o trágico que, frequentemente, andam de mãos dadas em nosso país, mas sem perder o humor, pois, como dizia o grande diretor russo Meyerhold, é preciso fazer o trágico com o sorriso nos lábios.